

'Amigas do Peito', ensinando a amamentar

O objetivo é simples: conscientizar pais, mães, autoridades governamentais e médicos para a importância da amamentação. Convictas de que sua campanha contribuirá decididamente para a redução do número de casos fatais de desnutrição e de infecção na população infantil do país, as Amigas do Peito, em quase um ano de existência, vêm lutando para acabar com a receita indiscriminada de leite artificial aos recém-nascidos, conseguir a substituição dos bercários pelo sistema de alojamento conjunto (mãe e filho no mesmo quarto) e implantar o serviço telefônico SOS Amamentação para acudir mães com produção escassa de leite.

Nina Michaelis, Ângela Schuabb, Bárbara Joels, Sandy de Oliveira e Dalva Dutra, todas com filhos de menos de dois anos, acham que já é tempo de terminar com a idéia, muito difundida entre mães e até mesmo médicos, de que o leite de algumas mulheres é fraco e insuficiente para alimentar o bebê. E para tranquilizar as mais vaidosas, garantem que não há nenhum inconveniente estético na amamentação, pois esta ajuda a contrair o útero após o parto, mantendo a rigidez dos seios.

É preciso, dizem elas, que todos saibam que aquela "aguinha amarela" que sai do peito da mulher até 14 dias após o parto nada mais é do que o colostro, substância de poder imunológico maior que o das vacinas e que, embora segregada em pequena quantidade, tem poder nutritivo idêntico ao do leite, que a substituirá naturalmente em pouco tempo.

Ninguém discute que, sob o ponto de vista psicológico, amamentar é mais uma vivência de amor, que cria uma relação única entre mãe e filho. Não se duvida tampouco de que o leite materno atende às necessidades nutricionais, digestivas e metabólicas do recém-nascido e de que a amamentação tem a vantagem de contribuir para o equilíbrio emocional da criança e da própria mãe, que se sente indispensável.

Segundo dados da Unicef, morrem no Brasil cerca de mil crianças por dia de diarreia infecciosa causada por desmame precoce, ocorrido aproximadamente 18 dias após o parto. Além de não possuírem água potável à disposição, nem mameiras esterilizadas, as mulheres das famílias de baixa renda diluem demais o leite artificial, para que dure mais tempo, devido a seu alto custo,

criando um ciclo fatal de desnutrição e infecção.

— Nossa proposta é acabar com esse quadro, difundindo cada vez mais, e em todos os níveis, a prática da amamentação — diz Nina, mãe de Andriana, de três anos, e de Anni, nove meses.

A principal restrição que as Amigas do Peito fazem ao bercário é a possibilidade constante de infecção a que o bebê está exposto. Além disso, após o parto, a criança é separada da mãe e só volta depois de cumprir um horário estabelecido, que varia de hospital para hospital. No período que passa no bercário, o bebê é tratado com glicose e, quando é entregue à mãe, não quer mamar de jeito nenhum.

— Agindo assim, os hospitais quebram a relação entre mãe e filho, além de impedir que o bebê sugue o colostro, algo muito parecido com uma transfusão de sangue, pois o colostro é como uma limpeza no organismo do bebê. O recém-nascido normalmente recusa o peito, porque no bercário lhe dão glicose para ele parar de chorar — afirma Elisa, mãe de Rudah, de um ano e oito meses, ainda mamando no peito.

Nina Michaelis, apoiada por Ângela, mãe de Marcos, um ano; Bárbara, mãe de Lídia, um ano e sete meses; e Sandy, mãe de Ted, um ano, defende a implantação dos alojamentos conjuntos:

— As mães teriam suas primeiras experiências com seus bebês aprendendo tudo sobre eles e si mesma. Por exemplo, tem muita gente que não sabe que o melhor remédio para pouco leite é dar de mamar cada vez mais, porque a sucção estimula a vinda do leite.

Adepta incondicional do aleitamento natural, Sandy conta sua interessante experiência com Ted. Assim que ele nasceu, ela recusou logo a proposta do médico para que lhe desse leite artificial porque a criança só tinha engordado 50 gramas em um mês. Nem mesmo a pressão do médico e do marido fizeram com que Sandy modificasse sua maneira de pensar.

— Minha insistência valeu, porque mesmo sem aceitar o tal complemento do médico, depois de um mês Ted começou a engordar 250 gramas por semana e hoje ele é isso aí que vocês estão vendo, afirma, apontando para o filho, que pesa 18 quilos e até hoje tem como alimentação básica o leite materno.

As Amigas do Peito acham importante que a amamentação seja encarada como algo

natural, uma continuidade do parto. Querem que a mãe sinta satisfação em amamentar e acompanhe a evolução e crescimento do bebê.

— Queremos apenas que a prática da amamentação seja difundida de boca em boca e que o maior número de mães possível amamente seus filhos. É muito mais barato e higiênico — garante Dalva Dutra, mãe de Helena, três anos, e Júlia, um ano e três meses, uma das líderes das Amigas do Peito.

— O grupo faz questão de esclarecer que não existe leite fraco e que todas as mulheres têm leite:

— Nunca ouvi dizer que o leite de vaca é fraco. Portanto, o da mulher também não é — explica Nina, com uma comparação animal para deixar evidente que o bebê pode ser alimentado só com leite materno até os seis meses, recomendando a partir daí a iniciação da alimentação sólida.

As Amigas do Peito encaminharam há três meses aos assessores do governador Leonel Brizola um projeto com suas idéias e, além de proporem a implantação do serviço telefônico SOS Amamentação e a eliminação dos berçários nos hospitais do Estado, sugerem a distribuição de cartilhas que orientem a mãe ou a gestante para a amamentação. Estes folhetos substituíram os das indústrias de leite em pó afixados em grande quantidade em hospitais e maternidades. É prevista também a orientação dos profissionais de saúde (médicos, enfermeiras, assistentes sociais, psicólogos etc).

— Eu havia saído há um dia do hospital e, como meu bebê chorava muito, resolvi telefonar para o pediatra, que, sem me conhecer direito — tive apenas um contato com ele depois do parto — e por telefone mandou que eu desse leite artificial, garantindo que meu leite era fraco — afirma, indignada, Carlota Heredia, mãe de Joana, de 10 meses.

Com o esclarecimento dos médicos, as Amigas do Peito acreditam que esta experiência não se repetirá. Por isso propõem que os folhetos sejam distribuídos nos locais de trabalho e nas escolas e sejam promovidos debates e outros incentivos à amamentação, utilizando os meios de comunicação, associações de bairro e quem mais se interesse em cooperar.

As Amigas do Peito têm ajudado muitas mães desesperadas que as procuram, dando apoio psicológico às que sofrem pressões dos parentes, ajudando-as a aumentar a pro-

dução de leite, recomendando alguns tipos de alimento, curando rachaduras no bico dos seios e “empedramento” e conseguindo doadoras de leite para auxiliar as mães com problemas temporários.

Com base em sua vivência pessoal é que elas resolveram incluir no projeto o serviço telefônico de SOS Amamentação, que funcionaria 24 horas por dia, durante todos os dias da semana. Mães que estivessem amamentando cumpririam turnos de três a quatro horas, recebendo pequena ajuda de custo do Estado.

— O número desse serviço constaria nas páginas de telefones úteis dos catálogos — informa Marilda Barros, mãe de Marcela, de um ano e seis meses e grávida de cinco.

O principal conselho das Amigas do Peito às mães é que esqueçam a mamadeira, pois ela ajuda a desmamar, além de ser foco de infecções, expondo o bebê a uma série de perigos, já que, com o calor, o leite artificial azeda com facilidade.

— Todas as gestantes, ao invés de comprarem mamadeiras em grande quantidade, deveriam preocupar-se com o peito. Prepará-lo para o filho, fazendo massagens para que o bico fique projetado e facilite o trabalho de sucção do bebê. Nós aconselhamos massagens no bico do peito, expor o peito ao sol e não comprar mamadeiras — diz Elisa.

O projeto das Amigas do Peito prevê ainda uma legislação que implante efetivamente creches nos locais de trabalho; distinção entre licença-saúde (para gestantes com problemas) e licença-maternidade; cumprimento dos 15 dias e prorrogação para amamentação da licença-maternidade; e que se esclareça o empresário para que não ocorram demissões de mulheres, principalmente no período pós-parto.

Para os que vêem na amamentação um inconveniente na vida das mães, Nina afirma:

— É um período tão curto e tão importante de sua vida que vale a pena o sacrifício.

Já Carlota lembra também as vantagens futuras:

— Agora Joana está muito chata e agarrada no meu peito as 24 horas do dia. Mas é uma relação lógica, porque qualquer angústia que ela tenha o meu peito é a primeira coisa que vem à sua cabeça. Depois do desmame, ela será uma criança muito mais segura e independente, justamente pelo fato de ter tido o peito no período de sua identificação.

CMUHE 25305

F.2

MACIEL, Eloir. Amigas do peito, ensinando a amamentar. Correio
Popular, Campinas, 08 maio 1983.

JFT 8.1.1.14-2



Mães do "Amigas do Peito" procuram desmistificar informações sobre amamentação